

REVISTA ADVENTISTA

Daniel e os seus tempos

«Olhando para Jesus»

A Viagem através do Espaço

À guisa de sermão

O «Dia da Escola Sabatina»

ANO XXVI

N.º 223

«... Se Jesus não tivesse ressuscitado!?!...»

A. CASACA

A I de nós, se Jesus não tivesse ressuscitado. Estaríamos perdidos para todo o sempre, porque para sempre ficávamos sob o domínio de Satanás.

«Quando Jesus foi posto no sepulcro, Satanás retomaria, novamente, a vida. Reclamava o corpo do Senhor, e pôs a sua guarda em torno do túmulo, procurando manter Jesus prisioneiro. Ficou furioso, quando os seus anjos fugiram diante do celeste mensageiro. Quando viu Jesus sair em triunfo, compreendeu que o seu reino chegaria, a termo, e que ele devia morrer, finalmente.» (O Desejado de todas as Nações, pág. 583).

O Senhor da vida, o autor da mesma vida não podia, de modo algum permanecer no sepulcro. A sua morte que nos redimiu do pecado tinha de preceder, real e necessariamente a sua gloriosa ressurreição. Por isso os descrentes, nomeadamente os racionalistas chegam, inclusivamente a negar a autenticidade da morte de Jesus, para poderem, assim logicamente, negar a ressurreição.

Mas Jesus morreu realmente. Para isso viera a este mundo. Numerosas vezes se referiu à sua morte, assim como à sua ressurreição. Os seus próprios inimigos não tinham a mínima dúvida acerca das declarações de Jesus, relativas à sua ressurreição.

Logo após o sepultamento de Jesus, «no dia seguinte, que é o dia depois da Preparação, reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os fariseus em casa de Pilatos, dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Manda, pois que o sepulcro seja guardado com segurança, até ao terceiro dia, não se dê o caso

que os seus discípulos vão de noite, e o furem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e, assim, o último erro será pior do que o primeiro». (Mateus 27: 62-64).

Aqui temos neste passo a afirmação categórica de que os inimigos de Jesus bem sabiam que o Salvador anunciara, claramente, a sua ressurreição.

E bem podemos imaginar o enfado com que o procurador romano lhes respondeu, com aquela *secura* que bem denunciava o desgosto e o desagrado de Pilatos em todo aquele triste caso da condenação de Jesus.

Efectivamente, eles foram; tinham a guarda e guardaram-no como entenderam, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra. (Mateus 27:65,66).

Todos os desgraçados comparsas do processo, condenação e morte de Jesus devem ter vivido horas de angústia, pensando na ressurreição que tão clara e explicitamente fora predita.

«Quando o povo soube que Jesus fora morto pelos sacerdotes, fez indagações quanto à sua morte. Os pormenores do seu julgamento foram conservados, o mais possível, em segredo; mas durante o tempo em que Jesus permaneceu no sepulcro, o seu nome andava em milhares de lábios, e as notícias do seu irrisório julgamento, e da desumanidade dos sacerdotes e príncipes circulavam por toda a parte. Por homens de inteligência foram aqueles sacerdotes e príncipes convidados a explicar as profecias do Velho Testamento a respeito do Messias, e enquanto procuravam forjar qualquer falsidade como resposta, ficaram como loucos. Não podiam explicar as profecias que indicavam os sofrimentos e a morte de Jesus, e muitos indagadores

(Continua na pág. 24)

SUMÁRIO

«... Se Jesus não tivesse ressuscitado!?...»

Editorial

Daniel e os seus tempos

«Olhando para Jesus»

Notícias do Campo

A Viagem através do Espaço

À Guisa de Sermão

A nova sala de culto da Amadora

O 3.º Concurso Bíblico Internacional

O Ideal da Obra de Educação

A nossa parte no plano Missionário da Escola Sabatina

O Auxiliar da Escola Sabatina

ABRIL DE 1965

ANO XXVI N.º 223

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. MENDES, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

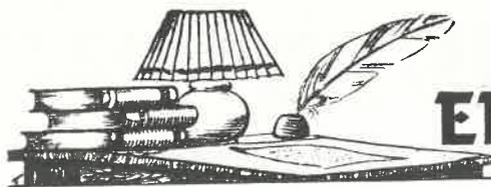
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3500

Assinatura anual 30500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

A Semana de Oração do MV

Pelas notícias recebidas das nossas várias igrejas temos razão para dar muitas graças a Deus pela maneira como decorreu a SEMANA DE ORAÇÃO DOS MV.

Sempre muito concorrida, apesar da irregularidade do tempo, todos os nossos prezados Irmãos e Irmãs se associaram aos nossos jovens dando-lhes o calor da sua amável presença.

A Campanha das Missões

Mais uma vez tem a Igreja a grande e magnífica oportunidade de trabalhar para honra e glória de Deus, numa obra que é, a todos os títulos, notabilíssima entre as mais notáveis.

Efectivamente, trata-se de uma obra eminentemente de evangelização, de prègação. É um trabalho efectuado em circunstâncias, por vezes, duríssimas e árduas, como todos sabemos ou, por experiência própria, ou pelo relato da alheia.

Temos de entrar em contacto com pessoas que perfilham opiniões e crenças de vários tipos; por isso seremos recebidos de mil maneiras diferentes. Mas, seja como for, lembremo-nos que estamos fazendo a Obra de Deus pelo que não seremos confundidos. Recordemos o que nos diz o Espírito de Profecia: «O Senhor colocou os seus bens, tanto nas mãos de crentes, como nas dos incrédulos; todos podem devolver-Lhe o que lhe pertence para se fazer a obra que precisa de ser efectuada, a favor do mundo decaído. Enquanto estamos neste mundo, enquanto o Espírito de Deus contende com os filhos dos homens, teremos de receber e de prestar favores. Temos de dar ao mundo a luz da verdade, tal como se encontra revelada nas

Escrituras; e também, temos de receber do mundo aquilo que Deus os impele a dar em benefício da Sua causa.» — (Southern Watchman, de 15 de Março de 1904).

NA CAMPANHA DAS MISSÕES há o devido trabalho para todos nós, prezados Irmãos e Irmãs. Não podemos, nem devemos perder esta tão bela e abençoada oportunidade que Deus, mais uma vez, põe à nossa disposição para levarmos a centenas, a milhares de pessoas o conhecimento da Mensagem.

Eia, pois, dilectos Irmãos e Irmãs! Entremos, alegres e decididos no trabalho da Campanha das Missões, que conta connosco, porque é a obra de Deus adaptada, precisamente, a estes nossos dias, como nos diz a nossa Irmã White: «Um dos novos planos para nos aproximarmos dos incrédulos é a Recolha de Donativos para as Missões».

Que o Senhor nos ajude a dar o nosso melhor esforço nesta nova Campanha das Missões, pois é uma bênção que Deus reserva, e muito especialmente para todos quantos a realizarem.

A Páscoa da Ressurreição

Comemoramos este mês o grande acontecimento da Páscoa da Ressurreição de Jesus. É lícito que os Cristãos se regozijem com a Ressurreição, pois bem sabemos que é ela o penhor da nossa futura ressurreição.

Alegremo-nos, portanto, no Senhor, até que a nossa alegria seja perene, quando finalmente ressuscitarmos por ocasião da Volta gloriosa de Jesus.

A todos os nossos prezados Assinantes, Leitores e dilectos Irmãos e Irmãs desejamos feliz Páscoa, no Senhor.

A. Casaca

DECLÍNIO DA BABILÓNIA E ENGRANDECIMENTO DA PÉRSIA

Prof. SIEGFRIED H. HORN

DE há muitos séculos que viviam no planalto do Irão, tribos indo-europeias, entre as quais são dignas de menção as dos Medos e as dos Persas, as primeiras habitando na parte setentrional do país, e as segundas na parte meridional.

Os Assírios tinham combatido frequentemente contra os Medos e tinham-nos subjugado; finalmente, estes revoltaram-se contra os seus dominadores e, juntamente com os Babilónicos foram os protagonistas da destruição do Império Assírio.

O pouco que sabemos da história dos Medos vem-nos, principalmente, das fontes gregas, porque os Medos não deixaram documentos escritos.

Parece que foi Deiócio, soberano que viveu no sétimo século antes da nossa era, que unificou as tribos iranianas e que também edificou Ecbátana — a actual Hamadan — tornando-a a capital de Média. De Fraorte, que lhe sucedeu, sabemos que subjugou as tribos meridionais dos Persas incorporando-as no Império Meda. Morreu, combatendo contra os Assírios. Sucedeu-lhe, em 625 A.C., Ciáxares, que tornou a Média numa forte potência política. Aliando-se com os Babilónicos, os Medos atacaram a Assíria, e destruíram-lhes várias cidades, incluindo Ninive, como vimos no primeiro artigo desta série.

Ocupando as províncias assírias setentrionais e incorporando-as no seu reino, pode dizer-se que Ciáxares fundou o Império dos Medos, cujo território se estendia dos confins do Belucisão, a leste, até às margens do rio Halys, na Ásia Menor, a ocidente. Quando morreu, em 585 A.C. sucedeu-lhe o filho Astiages, homem fraco, o qual, ao que parece, foi o último rei dos Medos.

Durante o reinado de Astiages, cresceu Ciro o Grande, filho de uma filha de Astiages e de Câm-bises I, vassalo persa dos reis dos Medos. Quando Ciro sucedeu ao pai no trono da Pérsia, em 550 A.C., abriu-se para este soberano, jovem e ambicioso, uma carreira que devia fazer dele o construtor de um império mundial. Durante seis anos Ciro reinou no seu povo, como vassalo dos Medos, até que se revoltou contra o seu dominador que era o seu avô Astiages. Embora tivesse sido batido duas vezes, nos primeiros recontros com o exército dos Medos, conseguiu, finalmente conquistar Ecbátana e estender a sua soberania sobre todo o império. Astiages foi expulso, mas Ciro deixou ao filho de Astiages, Ciáxares II, seu tio um simulacro de autoridade régia, o bastante para manter calmos os Medos e a tornar-lhes mais suportável o jugo persa.

De uma assentada, Ciro tornou-se um poderoso monarca. Mas em vez de empreender imediatamente novas campanhas militares, preferiu consolidar as suas conquistas políticas e territoriais. Em 547 A.C. seis anos depois de se haver tornado soberano do Império Medo-Persa, Ciro atacou o reino da Lídia na fronteira ocidental do Império Medo-Persa. A primeira batalha foi travada na margens do Halys, mas não foi decisiva. Ciro, porém, não desanimou.

Seguiu, em marchas forçadas para Sardes, capital do reino da Lídia e atacou-a de surpresa. Cresco, rei dos Lídios foi expulso e o seu riquíssimo reino foi incorporado no Império dos Persas e dos Medos.

Tornava-se evidente, para quem soubesse discernir os sinais dos tempos, que o próximo objectivo de Ciro seria a conquista do Império Babilónico, o qual, governado por dois soberanos fracos estava pronto

a cair-lhe nas mãos como uma pera madura. Podemos calcular os sentimentos dos Hebreus exilados em Babilónia, durante este período. Conheciam muito bem as profecias de Isaías nas quais se pré-anunciava a ascensão de um rei chamado Ciro, definido como ungido do Senhor, um rei que havia de restituir aos cativos a liberdade política e que lhes reconstruiria a sua cidade e o seu Templo (Isaías 44:28 até 45:8). Não há dúvida que lhes devia ter chegado a notícia da rápida ascensão deste monarca oriental, a princípio insignificante, mas diante do qual fugiam agora os exércitos do Golfo Pérsico para o Mar Jónico.

Ugbaru, governador de Gutium, a extrema província oriental da Babilónia confinante com a Média, foi um dos que viu a escrita misteriosa nas paredes do palácio imperial de Babilónia. Querendo deixar o barco, antes que se afundasse, traíu a causa babilónica e entregou a Ciro a sua província. Como sinal de reconhecimento, Ciro nomeou-o comandante do seu exército.

A queda de Babilónia

Nabónides ou Nabonide, que vivia em Tema, na Arábia, já de há anos que observava a crescente ameaça persa sobre o seu império, e ainda antes da queda do reino da Lídia, já tinha feito aliança com os reis do Egipto e da Lídia e com a cidade de Esparta, para a defesa dos interesses comuns. Ciro, contudo, que não tinha nenhuma intensão de esperar que as forças coligadas dos seus inimigos lhe detivessem a marcha, executou uma hábil estratégia de eliminação individual dos reinos aliados. Depois da queda de Sardes e da perda da província de Gutium, Nabónides regressou a

Babilónia para se preparar contra o choque inevitável de Ciro.

Quando viu que a tempestade era iminente e inevitável, Nabónides cometeu a extrema loucura de transferir para Babilónia as divindades e os sacerdotes das numerosas cidades ameaçadas pelos Persas, agora já vizinhos. Fê-lo para evitar que aquelas divindades e aqueles sacerdotes caíssem nas mãos dos Persas e portanto o «ajudassem» com os seus supostos poderes sobrenaturais. Tal gesto, contudo, se ele o julgou de grande precaução, não fez mais do que aumentar o ódio daquelas populações que de repente se viram espoliadas dos seus deuses e dos seus sacerdotes e abandonadas indefesas à mercê dos Persas.

Os mesmos Babilónicos ficaram irritados com aquela invasão da sua cidade por um grande número de divindades e de sacerdotes estrangeiros, que iam aumentar a concorrência no campo religioso. Tal gesto louco, juntamente com outros actos não menos inconsiderados, contribuíram notavelmente para alimentar o espírito de derrotismo que se infiltrou no exército e se espalhou por toda a população babilónica.

A guerra começou, portanto, quando os Babilónicos estavam tomados de desalento, sem esperanças de vencer. No Verão de 539 A.C. combateu-se em Ópis, no Tigre, a cerca de 40 milhas ao norte de Babilónia, na primeira batalha; o desmoralizado exército babilónico não foi, de facto, um adversário temível para os Persas, muito bem treinados. Os Babilónicos foram vencidos neste primeiro recontro e fugiram perseguidos pelas tropas de Ciro, avançando simultaneamente na direcção das cidades de Sippar e de Babilónia.

Nabónides abandonou Sippar, antes que a cidade caísse, o que aconteceu no dia 11 de Outubro. Babilónia foi conquistada, dois dias depois, sem combate, no dia 13 de Outubro. Fontes gregas afirmam que Ciro desviou o curso do Eufrates (que atravessava a cidade) e fez passar as suas tropas ao longo do leito seco do rio. Embora os anais da história profana nada nos digam sobre os particulares da tomada da inexpugnável cidade de Babilónia, o certo é que todas as fontes concordam no facto de que

a cidade caiu nas mãos dos Persas, sem combates.

A morte violenta da Baltasar, embriagado, parece sugerir que na área do palácio imperial se travou uma pequena luta entre os Persas e a guarda imperial.

As tropas que atacaram Babilónia estavam sob o comando de Ugbaru, o governador de Gutium; ocuparam, sem dificuldades todos os edifícios públicos de modo a manterem a ordem e a legalidade. A população da Babilónia, felicíssima por lhe terem sido poupados os horrores de uma guerra devastadora, acolheu Ciro com alegria e aclamou-o como libertador, quando, mais tarde, entrou na cidade como vencedor. Aos vastos territórios do seu império juntavam-se agora os do não menos vasto império Babilónico.

Os últimos anos de Daniel

Sabemos pelo livro de Daniel que o venerando profeta-estadista, que já estava reformado havia vários anos, tinha sido convocado ao palácio imperial na noite precedente à queda da cidade para interpretar a Baltasar e aos seus cortesãos a escritura misteriosa traçada por uma invisível mão numa das paredes do salão do banquete (Daniel 5). Depois da queda de Babilónia, Daniel gozou do favor dos novos senhores, desta vez, como amigo pessoal de Dario o Medo. Não sabemos, exactamente, quem era esta Dario, embora certos factos nos dêem a entender que se trata de Ciáxares II, filho de Astiages, tio de Ciro, como vimos no princípio deste artigo, a quem o sobrinho permitira ocupar uma alta posição como soberano nominal dos Medos.

Daniel exerceu um notável ascendente neste homem e, por meio dele, talvez também sobre Ciro, ao qual é possível que tenha revelado as profecias de Isaías que lhe diziam respeito. Os oráculos e as profecias impressionavam sempre os soberanos orientais e Ciro não foi de certo uma excepção a esta regra.

Ciro afirma peremptoriamente numa proclamação aos Babilonenses, gravada em caracteres cuneiformes no famoso Cilindro de Ciro, hoje conservado no Museu Britânico, que se sente escolhido pela Providência para a libertação de

muitas nações do jugo babilónico. Pode, pois, presumir-se que ele aceitou as profecias de Isaías como divinamente inspiradas, quando viu que concordavam perfeitamente com as suas ideias e os seus planos. Deve ter sido fácil, por isso, levá-lo a deferir o pedido pelo qual Daniel orara durante tantos anos: permitir ao povo hebreu que regressasse livre à pátria e reedificar o seu templo. Restituiu também aos chefes judeus os vasos sagrados do antigo Templo salomónico que Nabucodonosor tinha levado para Babilónia.

Obtida esta magnífica concessão, Daniel percebeu que a missão da sua vida tinha terminado e que podia ir repousar em paz. Nada mais sabemos deste notável profeta, destes acontecimentos; mas podemos supor que morresse, pouco tempo depois do terceiro ano do reinado de Ciro, que é a última data mencionada no seu livro. Naquela época tinha ele cerca de 87 anos de idade, e certamente morreu como um homem que vivera plenamente a sua vida. Tendo vivido num período solene da história do mundo, com a ajuda da Providência mudou em própria honra e fortuna a infelicidade que o tinha ferido na sua juventude, chegando a desempenhar um papel de primeira ordem na vida de alguns monarcas. Deu também uma nova esperança e rasgou a visão de um futuro brilhante ao seu povo, que algumas décadas antes tinha atravessado um dos momentos mais trágicos da sua história.

(Com este artigo termina a reconstrução histórica dos tempos de Daniel, feita pelo Prof. S. H. Horn)

Reunião de Obreiros nos Açores

Com a presença de todos os Obreiros dos Açores teve lugar na cidade de Angra do Heroísmo de 21 a 23 de Janeiro a reunião anual que focou alguns pontos de interesse no campo da Evangelização local e que contribuiu bastante para a unificação do trabalho nas Ilhas dos Açores. Com certeza que a Igreja de Angra beneficiou com a presença dos nossos Irmãos e oramos para que as almas adormecidas despertem enquanto é tempo.

«OLHANDO PARA JESUS»

A FIRMA-SE que «pela contemplação nos transformamos».

Creio ser esta uma verdade inegável, em abono da qual abundam as provas. Ela apresenta-se-nos, ao mesmo tempo, como uma revelação iluminante e orientadora, tanto mais que,— como crentes e seguidores de JESUS,— estamos instruídos quanto à necessidade duma transformação que importa seja operada em nossas vidas, antes que o SENHOR aponha em nós o selo da Sua aprovação e nos ache aptos para ocupar o lugar que nos destina em Seu Reino de Glória e Santidade. As seguintes palavras de conselho e advertência, nos permitirão antever o que é exigido de cada um de nós e, quanta boa compreensão, poder de vontade e objectividade são necessárias para que, enquanto rogamos ao Altíssimo que Se digne operar em nós, mediante Seu Divino Espírito, essa indispensável transformação, não nos oponhamos de qualquer maneira, à operação do Mesmo, alimentando e favorecendo nossas naturais e más inclinações:

— «Agora é o tempo de nos prepararmos. O selo de Deus jamais será colocado na testa de um homem ou mulher cobiçosos ou amantes do mundo. Jamais será colocado na testa de um homem ou mulher de língua falsa ou coração enganoso. Todos os que recebem o selo devem ser imaculados diante de Deus — candidatos para o céu. Pesquisai as Escrituras por vós mesmos, para que possais compreender a terrível solenidade do tempo presente». (E. White, em *Vida e Ensinos*, p. 190).

Ora, a verdade expressa acima, entreabre-nos a porta de acesso ao segredo da vitória, revelando-nos como é possível ver realizado esse milagre extraordinário da transformação do homem amante do pecado e, portanto, inimigo de DEUS, numa «nova criatura», regenerada, santificada, apta para a vida do Céu. Isso é realizado, em parte, pela «contemplação». Em

seguida, o Apóstolo S. Paulo conduz-nos aquilo que deve ser o alvo dessa «contemplação»:

— «Portanto... deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, OLHANDO PARA JESUS...» (Heb. 12:1, 2).

A transformação opera-se de harmonia com a natureza daquilo que se contempla. A afirmação de que «pela contemplação somos transformados», é verdadeira em todo o sentido. Se nos demormos na contemplação do mal, daquilo que é corrupto, indigno, condenável, pois, nosso carácter adquirirá as características e o sabor do objecto de nossa contemplação.

Assim, para que adquiramos um carácter puro, santo e irrepreensível, é necessário aceitar e contemplar demoradamente, cada dia, cada hora, cada instante mesmo, o Perfeito Modelo, santo e irrepreensível que o Céu nos deu — «O Cristo, o Filho do Deus Vivo» (Mat. 16:16).

É partindo do propósito, tomado com honesta e consciente deliberação, de nos desembaraçarmos de todo o liame que nos esteja retendo no campo encantado do inimigo, e de quebrarmos o pacto que havíamos — para infelicidade nossa, — feito com o pecado, que devemos iniciar nossa carreira cristã, rumo à vida, à vida eterna, à verdadeira vida, percorrendo paciente mas denodadamente, esse acidentado trilho já calcorreado pelos pés de JESUS, tendo o cuidado de descobrir, a cada movimento, uma pègada do nosso divino Precursor, para sobre ela nos firmarmos e, assim, com segurança e sábia orientação, chegarmos ao fim da «carreira que nos está proposta».

É «OLHANDO PARA JESUS, autor e consumidor da nossa fé», que deveremos caminhar; é «OLHANDO PARA JESUS» que poderemos prosseguir firmemente; é «OLHANDO PARA JESUS» que poderemos atingir o fim da

nossa esperança; é «OLHANDO PARA JESUS» que poderemos antever os louros da vitória e antegozar as delícias da prometida recompensa!

Sempre que deixamos de OLHAR PARA JESUS, erramos no caminho e, então, deparamos com os terríveis obstáculos que infestam a vereda de nossa escolha: em lugar do AMOR — o ressentimento, o rancor ou o ódio; em lugar do GOZO — o desânimo, a amargura, a tristeza; em lugar da PAZ — a ansiedade, a perturbação, a luta; em lugar da LONGANIMIDADE — a intolerância, a exigência; em lugar da BENIGNIDADE — a aspereza, a opressão; em lugar da BONDADE — a maldade, o espírito crítico e condenador; em lugar da FÉ — a descrença, o materialismo; em lugar da MANISIDÃO — a impaciência, a irascibilidade; em lugar da TEMPERANÇA — a intemperança, o suicídio lento das faculdades físicas, morais e espirituais.

«Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida», disse JESUS (João 14:6).

Mas, na prática, esta contemplação revela-nos um duplo aspecto do milagre. Na medida em que crescemos no conhecimento das «perfeições» de JESUS, desfaz-se a ilusão do elevado conceito em que nos possamos estimar, e surpreendemo-nos com a visão correcta de nossa nudez, nossa cegueira, nossa pobreza (Apoc. 3:17), estrutura esta naturalmente indiscernível sob a roupagem da estimativa própria e da presunção individual.

Ante uma visão plena de JESUS, caem as escamas de nossos olhos (Act. 9:17, 18); a unção do Espírito permite-nos, ao mesmo tempo, uma contemplação de nós próprios e surgimos ante nós mesmos acoçados pelo senso de nossa indignidade, para clamar com S. Paulo, como que em desamparo: — «Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que acarreta a morte?» (Rom. 7:24), (1) ou com

Pedro, ante sua fragilidade e impotência para escapar à morte que o ameaça: — «Senhor, salva-me!» (Mat. 14:30).

Se «pela contemplação somos transformados» e, se tal transformação é necessária,— o que não podemos, honestamente, negar — uma frequente, persistente e mais íntima contemplação de JESUS se impõe à nossa vida espiritual.

São múltiplos os aspectos pelos quais podemos e necessitamos contemplar a JESUS. E, em todos eles, o Divino Modelo mantém o mesmo traço característico da Perfeição.

Convido-vos a contemplá-lo, agora, sob um dos aspectos mais impressionantes, talvez, da sua vida pela profundidade de seu significado e pela irradiação e amplitude de sua influência e realização — a renúncia; a abnegação; a plena submissão à vontade de DEUS Pai; a voluntária e pacífica entrega de Seus direitos e, mais do que tudo, de Sua própria vida, nas mãos de Seus inimigos; Seu sacrifício incomparável, preferido por envolver a salvação de vidas humanas, abraçado por implicar a defesa da Verdade,— motivo este que inspirou o nosso consagrado poeta lírico, João de Deus, ao compor a tão bela e conhecida poesia:

«— Minha mãe, quem é Aquele?
Pregado naquela cruz?

— Aquele, filho, é Jesus...

É a santa imagem d'Ele!

— E quem é Jesus? — É Deus!

— E quem é Deus? — Quem nos

[cria,

Quem nos manda a luz do dia

E fez a terra e os céus;

E veio ensinar à gente

Que todos somos irmãos,

E devemos dar as mãos

Uns aos outros, irmãmente!

Todo amor, todo bondade!

— E morreu? — Para mostrar

Que a gente pela verdade

Se deve deixar matar!»

A demorada e piedosa contemplação de JESUS, caminhando humilde e mansamente para o Calvário, em nosso lugar, é de resultados surpreendentes para quebrantar o nosso orgulhoso EU; para abrandar a dureza de nossos corações.

Na qualidade de «Cordeiro de

Deus que tira o pecado do mundo», e, segundo o sentir de conhecido escritor: «...nada há tão convincente e humilhante, como observar o Cordeiro no Seu trajecto para o Calvário, em nosso lugar... e Jesus tornou-Se como nada, por amor de nós, e fez-Se o simples Cordeiro. Não tinha poder nem sabedoria próprios, nem projectos para evitar as dificuldades, apenas a simples dependência do Pai, a todo o momento. 'O Filho, por Si mesmo, não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai'.

Quando O injuriavam, por amor de nós, Ele não injuriava. Quando padecia, não ameaçava... 'Como a ovelha muda perante os seus toquiadores, Ele não abriu a Sua boca'. Encarando a calúnia dos homens, lemos que 'nada respondeu'. Nunca Se defendeu, e nunca tentou dar explicações... Nada saíu dos Seus lábios, nada havia no Seu coração senão amor para com aqueles que O haviam mandado à cruz. Não mostrou para com eles qualquer má vontade, ressentimento ou amargura. Quando cravaram os pregos nas Suas mãos, Ele disse: 'Eu vos perdô', e pediu ao Pai que lhes perdoasse também. Estava pronto a sofrer tudo isto, com mansidão, por amor de nós». (A Senda do Calvário, pág. 42-44).

Que sublime visão! JESUS, suportando a afronta que deveríamos suportar; carregando a cruz que deveríamos carregar; mas, ensinando-nos a lição que, de outra maneira, não poderíamos aprender. Ao contemplá-lo na Sua mansidão e humildade; na Sua conformação com os desígnios Supremos; na Sua fé, confiança e inteira dependência de DEUS Pai; no Seu amor e prontidão em tudo suportar por uma humanidade condenada, como que O ouvimos dizer-nos: Por aqui, meu filho, «este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda». (Isa. 30:21).

A senhora E. White, no seu magnífico livro: O Desejado de Todas as Nações, escreveu: — «Far-nos-ia bem, passar diariamente uma hora a reflectir sobre a vida de Jesus. Deveremos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar, assim,

no Seu grande sacrifício por nós, a nossa confiança n'Ele será mais constante, o nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente imbuídos do Seu Espírito. Se queremos ser salvos afinal, teremos de aprender aos pés da cruz a lição de arrependimento e humilhação.

Ao comunicarmos uns com os outros, podemos ser, mutuamente, uma bênção. Se somos de Cristo, os nossos mais gratos pensamentos serão em torno d'Ele. Teremos prazer em falar a Seu respeito; e ao falarmos uns aos outros no Seu amor, o nosso coração será abrandado por influências divinas. Contemplando a beleza do Seu carácter seremos 'transformados de glória em glória.'» D.T.N., p. 58).

Sugere a Mensageira do SENHOR que seria benéfico para a nossa fé e espiritualidade, dedicarmos determinado tempo diário para «reflectir sobre a vida de Jesus», deixando «que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais».

Isto significa «contemplar a Jesus no Seu trajecto para o Calvário, em nosso lugar». Com que reverência e piedade o deveríamos fazer!

Há tempos, transcrevi, de uma de nossas publicações, um apanhado de passagens bíblicas descrevendo — na ordem dos acontecimentos, — as cenas da Paixão do nosso Salvador. Este trabalho poderá ser-vos de grande proveito, se tomardes as vossas Bíblias e, lendo as citações, meditardes nas cenas descritas:

OS SOFRIMENTOS DE CRISTO

(Da Quinta-feira para a

Sexta-feira da Paixão)

Quinta-feira à noite:

1. Tristezas, aproximação das trevas; Getsemane — *Mat. 26:38; Mar. 14:34; Luc. 22:42.*

2. Suor de sangue — *Luc. 22:44.*

3. Traído por Judas; — o beijo da traição — *Mat. 26:48,49; Mar. 14:44,45; Luc. 22:48.*

4. Preso pela multidão armada de archotes, lanternas, varapaus e armas — *Mat. 26:47,50; Mat. 14:43,46; Luc. 22:52,54; João 18:3,12.*

(Continua na pág. 16)

Notícias do Campo

O DIA DA ESCOLA SABATINA

Conforme fora anunciado, celebrou-se, no passado dia 13 de Março o «Dia da Escola Sabatina». Segundo notícias que nos têm chegado das várias igrejas, em todas elas se comemorou, de acordo com os programas adrede preparados aquele abençoado Dia.

Na Igreja de Lisboa

Os nossos prezados Irmãos e Irmãs eram saudados, à entrada do templo da igreja-mãe, por elementos da Direcção da Escola Sabatina local, entregando-lhes os impressos do Programa das cerimónias. Às 10 horas exactas deu-se início à cerimónia; na mesa da presidência tomaram lugar os Pastores David Vasco e Laranjeira, respectivamente, Secretário do Departamento da Escola Sabatina, e pastor da igreja, assim como o Director da Escola Sabatina da igreja-mãe, Irmão Carlos de Carvalho, a Vice-Directora, Irmã Ivone Rodrigues, Secretária, Irmã Ilídia Farelo e Vice-Secretário Carlos Casaca. O Programa deste Dia Especial da Escola Sabatina foi o seguinte:

- 1 — Abertura com a leitura da Bíblia, em Rom. 12:1-10
- 2 — Hino 206
- 3 — Oração
- 4 — Palavras do Director em referência a este dia.
- 5 — Relatório, objectivos alcançados
- 6 — Poesia — Dr.^a Eunice Raposo Dias
- 7 — Quarteto—Maria Rosa, Ivone, Daniel, Ezequiel
- 8 — Récita Missionária — Sete Missionários
- 9 — Colecta e apresentação de ofertas voluntárias
- 10 — Lição do Dia — «O Cristão e a Sua Igreja»
- 11 — Hino 145
- 12 — Oração de consagração à Escola Sabatina

Seguiu-se o culto solene a cargo do Pastor David Vasco, que depois de haver salientado a importância e o valor da Escola Sabatina, lançou um vibrante apelo a favor do *Plano dos 3%* que largamente explicou e ilustrou, com o gráfico, especialmente preparado pela Divisão e encimado pelo sugestivo título «Fazei prova de Mim».

Uma vez que estamos convencidos de que se aproxima, rapidamente o fim de todas as coisas, pois o Senhor Jesus vai voltar, dentro em breve, torna-se imprescindível que todos os crentes contribuamos, generosa e alegremente, com as nossas ofertas para a Escola Sabatina, para apressarmos tão glorioso acontecimento.

«Não há dúvida nenhuma de que as nossas ofertas para a Escola Sabatina seriam maiores, se pensássemos em fixar o montante das mesmas. O *Plano dos 3%* é proposto a cada um de nós, quaisquer que sejam as suas receitas, e todos devemos estudar este projecto. Bem entendido que o mesmo não diz respeito àqueles que procedem, já, de acordo com esta norma. O *Plano dos 3%* deve ser considerado como um mínimo que cada um poderá fixar para si próprio.»

«A todos nós se dirige o convite de, como membro da Escola Sabatina, fixarmos o montante das nossas ofertas segundo uma percentagem determinada, em princípio, a de 3% das nossas receitas.

Este é sem dúvida um assunto digno das nossas orações e um objectivo que merece ser atingido, através do esforço pessoal.

«Não é fazendo dons ao Senhor que empobrecemos, mas bem pelo contrário, recusando fazê-los.» (Irmã White, em *Counsels on Stewardship*, pág. 36). O Senhor falou na antiguidade, pela boca do profeta Malaquias, dizendo-nos: «Fazei prova de Mim». As pro-

messas divinas não falham. Confie-mos em Deus, sabendo que Ele tem cuidado por nós.»

Na Igreja de Portalegre

A igreja de Portalegre, de tão nobres e missionárias tradições vestiu-se de gala, para comemorar o Dia da Escola Sabatina.

Aproveitou o ensejo para inaugurar, festiva e solenemente as grandes e importantes modificações introduzidas no seu vasto salão. Entre tais obras há que destacar a construção do baptistério, no local da tribuna, benefício, a todos os títulos, de notável monta. O chão foi pavimentado a tacos de madeira; picaram-se as paredes e rasgaram-se, amplamente, as portas e as janelas.

Estão de parabéns os nossos prezados e zelosos Irmãos portalegrenses.

Assistiu às comemorações o Director da União Portuguesa, Pastor A. Casaca que se deslocou, propositadamente a Portalegre, de acordo com as normas que tem seguido de animar com a sua dinâmica actividade, sempre que se trata de inaugurações de novos centros de apostolado ou de ampliar e melhorar os já existentes.

O salão estava repleto, contando-se, entre os presentes, numerosas visitas.

A Escola Sabatina principiou, pontualmente, à hora habitual, sob a presidência do Irmão Laranjeira, Director da Escola Sabatina Portalegrense. O Pastor Lourinho — sempre entusiasta — falou sobre a Escola Sabatina, cuja história, valor e importância salientou condignamente.

Um amável friso de crianças também deu o seu alegre contributo ao esplendor da cerimónia.

Seguiu-se o culto solene, que esteve a cargo do Director da União

(Continua na pág. 16)

A Viagem através do Espaço

Vivemos na época espacial!

Depois das primeiras tentativas coroadas de êxito em colocarem em órbita, em torno da Terra, os chamados «satélites artificiais», alguns deles transportando seres humanos, os homens mais do que nunca esperam em breve ver realizado o seu sonho de irem até à Lua. Não terminam, entretanto aqui as suas ambições. Contam ir até Marte e a outros planetas do sistema solar. E se estas esperanças algum dia se realizarem o que impedirá que os homens pensem em fazer uma excursão até ao paraíso, ao próprio lugar em que Deus tem estabelecido o Seu trono?

Jesus, porém, advertiu a Nicodemos com estas palavras que não deixam de ser igualmente uma advertência ao homem do século vinte: «Na verdade, na verdade, te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus». (S. João 3:3). Tal tentativa seria um desafio a Deus e a negação da Sua Palavra.

Esta viagem está reservada unicamente aos sinceros filhos de Deus, aqueles que passaram pela experiência de novo nascimento, e que, pela graça do Senhor Jesus, vivem em conformidade com os princípios imutáveis do Seu reino.

A Bíblia afirma que «a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção». Por estas expressões entendemos o homem no seu estado natural, sujeito ao pecado e à morte. Por si mesmo é incapaz de praticar a justiça ou de fugir à sentença que impende irrevogavelmente sobre ele. Não somente devido ao pecado de Adão, pai e representante da raça humana, como igualmente pelos pecados que ele próprio comete, o homem é um pobre e miserável pecador condenado à morte e preso aos destinos do mundo manchado pelas suas ações. Foi ao reconhecer este seu estado que o apóstolo Paulo exclamou: «Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?».

Neste estado em que o homem se encontra seria supérfluo preten-

der chegar ao paraíso. A santidade e a glória de Deus tornar-se-lhe-iam insuportáveis e a morte seria o fim trágico da sua loucura.

Por isso mesmo tal possibilidade encontra-se, imensamente, longe do alcance dos homens, não só devido à impossibilidade física mas acima de tudo pela sua impotência espiritual. Deus sabe que assim é, e por esta razão, em consequência do Seu grande amor, providenciou outros meios mais eficazes e que se encontram ao alcance de todos. Lemos as seguintes passagens: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna». «Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus enviando Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito». (S. João 3:16; Rom. 8:3, 4).

Cristo, o Filho Unigénito de Deus, atravessou os insondáveis espaços interplanetários e veio até junto de nós para estabelecer uma ponte de ligação através do grande abismo que o pecado cavara entre o Céu e a terra. Ele é aquela escada mística que Jacob contemplou no seu sonho em Betel em que um dos topos tocava os Céus e outro chegava até à terra e pela qual, anjos de Deus subiam e desciam, simbolizando o contacto íntimo que o sacrifício de Cristo tornaria possível entre Deus e a humanidade. (S. João 1:51).

A missão redentora de Jesus, conforme recolhemos dos Seus ensinamentos e da Sua obra, estava essencialmente firmada nos três seguintes pilares: 1.º — A Sua divindade. Cristo não pertencia a este mundo e nada tinha com ele de comum a não ser pela sua natureza humana que voluntariamente aceitara. Viera do Pai e voltaria para o Pai. 2.º — A natureza espiritual da Sua missão. Cristo viera salvar os homens do pecado, morreria em lugar destes, dando-lhes deste modo a

esperança da salvação e da vida eterna. Estes nada mais tinham a fazer senão aceitar individualmente este sacrifício e permitindo a operação de um divino poder o Seu Espírito que os conduziria pela verdade e pela obediência dos sagrados princípios do Seu reino: Os Dez Mandamentos. 3.º — A promessa de uma nova existência, feliz, onde não mais existiriam os vestígios do mal, num reino que lhes iria preparar.

É aceitando esta missão redentora de Jesus, assente nestes três pilares e sempre a mesma «hoje, ontem e eternamente» que é concedida a cada um de nós que sinceramente nos arrependemos e desejamos uma vida melhor em conformidade com a vontade de Deus, a esperança da vida eterna. Este facto dar-se-á, por ocasião da bendita e gloriosa vinda de nosso Salvador.

«Porque o mesmo Senhor descerá dos céus, com a voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor». (1 Tess. 4:16, 17). «Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas». (Filip. 3:2, 21).

Será neste corpo transformado e neste carácter glorificado à semelhança divina e pelo poder do sangue de Cristo, que faremos a mais bela e maravilhosa viagem interplanetária, rumo à cidade de Deus!

Então os nossos olhos contemplarão «o Rei na Sua formosura e verão a terra que está longe...».

Possamos nós desde já prepararmos para esta portentosa viagem através do espaço!

Artur de Oliveira

O Povo de Deus e a modéstia

Por MANUEL LARANJEIRA

O OBREIRO é como o profeta: um reformador.

I — O PERIGO DA MODA

1. A esposa do obreiro é o modelo da Igreja, e como tal deve ser em relação à MODA:

- a) UM TRAVÃO;
- b) NÃO um incentivo.

«Quando vemos as nossas irmãs desviando-se, e cultivando o amor pelas modas do mundo, sentimentos perturbados. Adiantando-se passo a passo nessa direcção, vão-se separando de Deus, e negligenciando o adorno interior.» (Test. Sel., Vol. 1 pág. 53).

«A moda governa o mundo, e é uma senhora tirânica, compelindo muitas vezes seus devotos a submeterem-se à maior inconveniência e desconforto. A moda impõe irrazoáveis tributos e cobra-os sem piedade.» (Idem, pág. 595).

2. «Não seguirás a multidão para fazer o mal». (Êxo. 23:2).

3. A apresentação dos crentes pode ser em relação com as visitas: CONVITE ou AFASTAMENTO.

«Muitas almas convencidas da verdade, têm sido levadas a decidir-se contra ela por causa do orgulho e do amor do mundo manifestado por nossas irmãs.» (Idem, pág. 595).

4. «Somos feitos espectáculo, ao mundo, aos anjos e aos homens.» (I Cor. 4:9).

a) Podemos representar: DEUS ou Mamom.

5. Quanto a ADORNOS diz S. Pedro:

«O enfeite delas não seja o exterior.» (I Ped. 3:3a).

«Se queremos adornos, as graças da mansidão, da humildade, da modestia e da prudência, convêm a todas as pessoas, em todas as

classes e condições de vida». (Mensagens aos Jovens, pág. 360).

«Hão-de os seguidores de Cristo, buscar o adorno interior o manso e quieto espírito, que Deus declara precioso, ou esbanjarão as poucas e breves horas da graça, em desnecessário labor para fins de ostentação?» (Idem, pág. 356).

II — PINTURAS (uso e abuso)

- a) Cabelos: Polly collor;
- b) Unhas: Vernizes;
- c) Lábios: Batons;
- d) Olhos: Rimel;
- e) Sobrancelhas: Lápís.

1. Grande parte de TEMPO e DINHEIRO, que deve ser empregado para o serviço de Deus, é gasto com os cosméticos.

2. Objectivo da MAQUILLAGE: Agradar; Embelezar.

a) A quem? A DEUS? Não. Ao MUNDO? Sim.

3. O exemplo de Jesabel, rainha de Israel: 2 Reis 9:30

4. Dois aspectos: Vaidade. Correcção (disfarçar defeitos naturais).

a) O «colírio» é o ingrediente bíblicamente recomendado: «para que vejas».

III — VESTUÁRIO

1. «... E quanto ao vestido porque andais solícitos...?» (inquiéticos) — Mat. 6:28.

2. «As mulheres se ataviem com traje honesto com pudor e modéstia... não com vestidos preciosos.» I Tim. 2:9, 10.

3. «O enfeite delas não seja... na compostura dos vestidos.» I Ped. 3:3.

a) «A obediência à moda está penetrando nas nossas Igrejas e fazendo mais que qualquer outro poder para separar nosso povo de Deus. Foi-me mostrado que as re-

gras de nossa Igreja são muito deficientes. Todas as manifestações de orgulho no vestuário, proibidas na Palavra de Deus, devem ser motivo suficiente para disciplina da Igreja.» (Test. Selectos, vol. 1, pág. 600).

b) «Deus se agradaria de ver nossas irmãs trajadas com roupas correctas e simples, e diligentemente empenhadas na Obra do Senhor.»

«Um vestuário simples fará com que uma mulher judiciosa se apresente sob melhor aspecto... O vestuário pomposo trai um espírito fraco e vaidoso». (idem, pág. 593/597).

4. À esposa do Obreiro.

«Especialmente as esposas de nossos ministros, devem ser cuidadas em se não afastarem dos claros ensinamentos da Bíblia em questão de vestuário. Muitas consideram essas recomendações como demasiado antiquadas para merecerem atenção. Aquele porém que as deu a seus discípulos, compreendia o perigo do amor do vestuário em nossos tempos e mandou-nos essa advertência.» (idem, 594).

«Nosso vestuário deve ser simples de maneira que ao visitarmos os pobres eles não fiquem embaraçados entre a nossa aparência e a sua.» (Ob. Evang., pág. 185 ou 189).

5. «... No incorruptível traje de um espírito, manso e quieto que é preciso diante de Deus.» I Ped. 3:4.

IV — CONCLUSÃO

«Quanto ao mais tudo o que é honesto... tudo o que é puro... tudo o que é de boa fama. Se há alguma virtude, se há algum louvor, nisso pensai.» Fil. 4:8.

«... Quem comigo não ajunta, espalha.» Mat. 12:30b.

A nova sala de Culto na Amadora

Foi no Sábado, 23 de Janeiro, que se inaugurou, com grande júbilo de todos os presentes, o novo salão de cultos, na Amadora. Dia de sol radioso que sucedera aos precedentes dias chuvosos e frios.



O Pastor Wild, no culto

A cerimónia fora marcada para as 16 horas. Mas, já a partir das 15 o vasto salão — com capacidade para 150 pessoas — começava a encher-se.

A sala é simples, mas muito acolhedora. É um amplo rés-do-chão de um grande edifício de muitos andares, situado na grande e larga Avenida da Aviação Portuguesa. A tribuna eleva-se, em frente da porta de entrada e estende-se por toda a largura da sala, tendo ao centro o púlpito. Na mesa da direcção da Escola Sabatina, um lindo vaso florido. À direita, o harmónio. Do tecto cai uma grande luminosidade derramada por longos tubos de néon. Continuam a chegar numerosos Irmãos e Irmãs das várias igrejas, tanto da Capital, como dos arredores, dando assim, com a sua presença, o cunho da amizade fraternal. As 15 horas e 30 minutos o Pastor J. Pires propõe que se cantem alguns hinos,

até que comece a cerimónia. A juventude continua a ceder os seus lugares sentados às pessoas, Irmãos e visitas — que vão chegando. Os Irmãos, Pastor David Vasco e Caetano tomam posições estratégicas com as suas máquinas fotográficas que vão disparando, continuamente, numa sucessão de flashes quase ininterruptos.

Na borda da tribuna senta-se um juvenil friso de risonhas crianças, que se mantêm sossegadas e atentas.

As 16 horas em ponto, sobe à tribuna o Pastor Wild, Secretário da Divisão Sul-Europeia, acompanhado dos Pastores Casaca, Presidente da União Portuguesa, Pires, que tem a seu cargo o trabalho da nova sala, Laranjeira, Pastor da igreja de Lisboa e Samuel Reis, Gerente da Publicadora.

Depois de uma oração silenciosa, o Pastor Reis dirige-se para o púlpito e lê em II Crónicas 6:14. Canta-se, seguidamente, por toda a assistência, o Hino 79. A oração inicial é feita pelo Pastor Laranjeira. Segue-se uma poesia dita pelo jovem Samuel Grave. Seguidamente faz-se ouvir o Coro do Curso Bíblico sob a hábil regência da sua directora e professora do Curso, Dr.^a Eunice Raposo Dias.

Toma, então a palavra o Director da União Portuguesa, Pastor Casaca que depois de haver saudado o Pastor Wild e na pessoa dele a Divisão Sul-Europeia, mostra o seu contentamento por termos agora na Amadora, um lugar para o culto, muito menos indigno que os anteriores. Esclarece a sua declaração dizendo que ali tínhamos trabalhado em precárias circunstâncias, bastante defeituosas, mas agora, pela graça de Deus, podemos dispor de uma bela sala, como todos verificam. Acrescentou que os esforços efectuados para se abrir aquela sala tinham finalmente resultado, pela graça de Deus. Historiou, depois, o trabalho na Amadora, desde o Pastor Viegas até ao Evangelista Joaquim Dias, lembrando que presentemente o trabalho tem estado confiado ao casal Pires que se esforçou por dar realidade àquela bela sala. Revelou que todos os arranjos da sala, incluindo a tribuna e a pintura se devem ao Pastor Pires sempre dedicadamente coadjuvado pela entusiasta esposa, nossa Irmã Maria Augusta.

Dá seguidamente a palavra ao Pastor Wild que é traduzido pelo Pastor Laranjeira.

O Director da União Portuguesa saudando os Irmãos



O Pastor Wild começa por dizer que se sente particularmente feliz pelo privilégio de estar com os Irmãos naquela reunião, num local tão atraente, a poucos passos da Capital. Agradece a Deus por todos podermos adorar a Deus em liberdade.

Diz que há três anos atrás fora convidado para assistir em Bari, na Itália à inauguração de um novo templo; a sala também estava cheia, como agora ali, na Amadora. Pois, agora, aqueles nossos irmãos de Bari já estão planeando abrir outra igreja naquela cidade, porque a Marcha Adventista prossegue no seu avanço de salvar almas. Recorda que o texto lido pelo Pastor Reis nos lembra o que deve ser a Casa de Deus. Em Israel — prossegue — as cerimónias religiosas nem sempre foram assim, com aquela solenidade descrita em Crónicas. Às vezes, o povo de Deus não tinha nem uma simples casa, como esta que hoje inauguramos. O povo de Deus teve de defrontar muitas dificuldades, mas também obteve muitas vitórias porque confiava firmemente em Deus, que é poderoso para nos ajudar. Nas grandes manifestações religiosas do antigo povo de Deus salientavam-se as ofertas que todo o povo sempre generosamente trazia à Casa do Senhor. Por isso o Senhor também abençoava, largamente o seu povo. Tudo no Templo era consagrado a Deus ao seu ser-



O coro do Curso Bíblico executando um hino

viço, do qual, portanto, se afastava tudo quanto fosse profano.

Por isso, quando dentro em poucos momentos este mesmo local for consagrado ao serviço de Deus, fica subentendido que tudo quanto nele se fizer também fica consagrado ao serviço de Deus. Entre as actividades que aqui se devem realizar encontra-se a primacial, a fundamental que é a da pregação da Palavra de Deus, pregação esta que não depende de nenhuma tradição ou doutrinas humanas, mas única e simplesmente, deste livro, que contém a Palavra de Deus.

Por isso, hoje existe o Movimento Adventista. E é neste mesmo livro que encontramos toda a verdade, precisamente a Verdade prègada em todo o mundo pelo Movimento Adventista.

Portanto, o objectivo desta nossa jornada pode resumir-se nos seguintes pontos:

1.º — Tem como objectivo erguer um monumento à Verdade.

2.º — Este mesmo lugar deve ser como uma luz, que ilumina para todos os lados. Por isso temos de abrir muitas janelas, não físicas, mas espirituais, que possam iluminar multidões. Na Amadora há, certamente, muitas pessoas que têm necessidade de receber luz, mas a verdadeira luz, que há-de irradiar deste local, que vai ser consagrado a Deus, à Sua divina Palavra, que é a verdadeira luz.

Prossequindo disse que desejava ardentemente que daquele salão possa sair uma grande luz que ilumine toda a vila para as verdades eternas.

3.º — Este mesmo lugar, além de ser um monumento de Verdade e um farol de luz, também deve ser um lugar de conforto para quem o procurar, de modo que se apresente para todos, crentes, visitas e indiferentes como um verdadeiro lugar de refúgio, onde todos possam cobrar forças para defrontar as dificuldades que nunca deixam de nos assaltar.

Parte da numerosa assistência à cerimónia da inauguração da nova igreja



O 3.º Concurso Bíblico Internacional

Uma revista católica de cultura e difusão bíblica, publica *ipsis verbis* a seguinte notícia:

O 3.º Concurso Bíblico Internacional foi ganho por um Australiano

«Em todo o Estado de Israel, foi seguido pela rádio, com o maior interesse — a ponto de os teatros e cinemas estarem quase vazios — a «final» do Concurso Bíblico Internacional, realizado em Jerusalém, perante 3 mil espectadores (pois a sala não tinha capacidade para mais).

Nele tomaram parte 20 finalistas de outros tantos países. A França,



O Irmão Mitchell, vencedor, em Jerusalém, do 3.º Concurso Bíblico Internacional recebe felicitações do Irmão Theodore Lucas, Secretário do MV da Conferência Geral, a quem mostra a medalha que ganhou

por exemplo, estava representada pelo Padre Raymond Seguinau, de 42 anos, que está a elaborar uma concordância bíblica.

A «final» durou duas noites. As perguntas basearam-se todas no Velho Testamento. Algumas delas eram fáceis, para os leitores da Bíblia. Mas outras eram mais difíceis, como esta «Apresente seis casos em que um homem ou uma mulher evitaram a guerra ou efusão de sangue».

(Continua na pág. 14)



Os Irmãos Pires, encarregados do trabalho da nova igreja, ladeados pelos Pastores Casaca e Wild

Recordou, depois o significado do vocábulo «igreja» que pode representar o lugar material, mas que significa também e principalmente, o corpo de crentes, a congregação. O Salmista formulava o grande desejo de poder morar todos os dias da sua vida na Casa do Senhor. Assim também nós mesmos devemos desejar, pois encontraremos sempre na Casa de Deus uma atmosfera de amor, de calor.

O Pastor Wild concluiu formulando votos para que a nova sala da Amadora dentro em breve se

revele pequena para conter muitas almas ganhas para a verdade.

Seguidamente o Pastor Casaca fez a dedicação da Sala ao culto do Senhor, acompanhado por todos os assistentes em profundo recolhimento. Finalmente, o Pastor Pires pronunciou a oração de consagração.

Seguiu-se o Hino 129 cantado por todos.

A cerimónia terminou com a bênção de Números 6:24-26 pronunciada pelo Pastor Casaca.

Calendário Adventista de 1965

2.º TRIMESTRE

- ABRIL** 3 — Campanha das Missões
— Grande Semana
24 — Dia das Vocações
- MAIO** 1 — Dia das Dorcas e Oferta para a Sociedade Misionária
8 — Oferta para Sinistrados
15 — Dia do Espírito de Profecia
29 — Educação Cristã e Oferta para as Escolas Primárias
- JUNHO** 5 — Dia da Voz de Profecia (Inscrições para a Escola Rádio Postal)
5 — Oferta para o Fundo de Rádio
12 — Dia das Classes Progressivas
19 — Dia de Baptismos
26 — 13.º Sábado

O IDEAL DA OBRA DE EDUCAÇÃO

(Continuação)

J. ALEGRIA MORGADO

Saídos do seu meio ambiente, desprezam o trabalho manual, que por vezes nas missões não merece o interesse que deveria ter; — as oficinas são geralmente medidas pela quantidade de lucro que dão; os trabalhos de campo, igualmente, e assim muitas escolas se vêem privadas de oficinas próprias. Consideramos, muito importante o salário dum catequista, mas menosprezamos o salário dum carpinteiro, pedreiro ou sapateiro para servir como mestres nas escolas de artes e ofícios. Em resultado, a corrida para as cidades traz sobre as nossas igrejas prejuízos incalculáveis, pois grande parte dos nossos jovens que assim procedem, perdem-se. Devíamos preparar os jovens, em ofícios, pelos quais pudessem viver, na sua própria aldeia.

E na Europa?

Devíamos buscar organizar escolas e estabelecimentos de treino para que as nossas crianças e jovens não fossem levados para o mundo. Uma escola em cada Igreja é um alvo que devia ser atingido com ajuda de Deus.

«Onde quer que haja observadores do Sábado, devem os pais unir-se no sentido de prever lugar para uma escola diurna em que as crianças e jovens possam ser instruídos. Empreguem um professor cristão, que, como missionário consagrado, eduque as crianças de maneira a levá-las a se tornarem missionárias.» C. P., 156 «Os que procuram a educação que o mundo tem em alta estima, são gradualmente levados para mais longe dos princípios da verdade, até que se tornam mundanos educados. Por que preço adquiriram sua educação!». C. P. 15.

«Quando a palavra de Deus é posta de parte, sendo substituída por livros que desviam de Deus, e que confundem o entendimento no que respeita aos princípios do reino dos céus, a educação dada é

uma perversão do que se entende por este nome.» C. P. 15.

Infelizmente, nós não temos, em muitos países escolas onde possamos mandar os nossos filhos de modo que sejam educados segundo os princípios da palavra de Deus. Os pais, na maior parte dos casos só chegam a avaliar tarde demais o prejuízo que vem para a juventude, ter de frequentar escolas onde a religião e especialmente a Bíblia são desprezadas!

«Não há obra mais importante do que a educação dos nossos jovens» C. P. 41.

Que contas dará a Igreja, aos pais dos jovens, que nos foram confiados?

O que Deus está exigindo da nossa juventude

Os clamores sobem de todo o mundo, corroborando aquilo que a nossa Igreja fielmente tem anunciado: que o fim está próximo.

Nossa juventude vive no tempo mais difícil que o mundo já viveu, pois hoje, mais do que nunca Satanás está reunindo as suas hostes e todas as suas artimanhas para desviar os nossos jovens de Deus. «Fossem os algarismos índice de êxito, Satanás poderia reclamar a preeminência; pois, neste mundo, os que o seguem constituem a grande maioria.» C. P. 83.

O plano de Deus, para os nossos jovens, no tempo presente é:

«Deus quer que os jovens se tornem homens de espírito zeloso, a fim de estarem preparados para acção em seu nobre trabalho e serem aptos a assumir responsabilidades. Deus pede jovens de coração incorrupto, fortes, valorosos, e determinados a combater varonilmente na luta que se acha diante deles, a fim de glorificarem a Deus e beneficiar a humanidade.» M. Jovens 21.

Quantos hoje pensam que ser puro como José, fiel como Daniel, mais amante de Deus do que do mundo, como Moisés, já não é importante; e muitos jovens pensam que já não vale a pena dar provas do mesmo valor e lealdade.

«O aluno convertido quebrou a cadeia que o ligava ao serviço de pecado, colocando-se na devida relação para com Deus. Seu nome acha-se inscrito no livro da vida do Cordeiro.» C. P. 448.

Quantos frequentam as escolas do mundo e sendo «UM» entre milhares, esquecem que o mesmo sucedeu a Ester, a José, a Daniel, que embora nas mesmas circunstâncias, antes obedeceram a Deus que aos homens.

Nunca os nossos jovens tiveram diante de si oportunidades mais brilhantes: «Oh! Pudessem os jovens apreciar o alto destino a que são chamados. Ponderai bem as veredas de vossos pés. Começai vossa obra com elevado e santo propósito e estai decididos, mediante o poder da graça divina, a não vos desviardes da vereda da rectidão. Se começardes a ir em direcção errada, cada passo será cheio de perigos e desastres, e continuareis a rançar e do êxito. Precisais de que vosso intelecto seja fortalecido, vossas energias morais vivificadas pelo poder divino.» M. J. 22.

Existe, hoje, no mundo em geral, e também entre a juventude a fobia do Curso superior. É certo que isso é resultado da maneira como o mundo está sendo organizado, e do desejo de cada um obter uma mais alta preparação para a vida.

Cabe aos pais, o grande papel de juízes nesta luta que a nossa juventude tem de travar, e cabe especialmente ao lar que lhes proporcionar o papel de os encaminhar ou desviar de Deus. Alguns exemplos as S. Escrituras dão acerca de lares e pais fiéis. Sobressaem como exem-

plos Moisés, que manteve a sua fé durante toda a vida graças ao tempo que esteve ao cuidado de sua mãe; José manteve-se puro, graças igualmente ao ambiente que encontrou em sua casa, para a sua formação.

Encontrarão hoje os nossos jovens, em seu lar a mesma preparação? «desde a infância necessitam os jovens que uma firma barreira se levante entre eles e o mundo, para que a influência corruptora deste, não os possa afectar.» «Devem os pais esforçar-se por conservar fora do lar toda a influência que não seja produtora do bem.» C. P. 106/107.

Encontramos, nas biografias de homens célebres, muitos que declararam mais tarde, que o seu êxito se deveu, em grande parte, aos lares onde foram criados. Desejo lembrar, neste momento David Livingstone, que foi também um grande Missionário. Ele escreveu, mais tarde acerca do ambiente em que foi criado: «Foi meu privilégio receber a instrução exemplo e as orações de meus piedosos pais.» Ao pensar na sua juventude ele exclama:

«Olhando para trás, eu estou cheio de reconhecimento, e se eu tivesse de recomençar novamente a minha vida, eu escolheria de novo o mesmo quadro e a mesma rude aprendizagem».

Qual era o seu programa?

Trabalho das 6 da manhã às 8 da noite.

Escola das 20 às 22 horas.

Estudo das 22-24 ou quando a mãe lhe vinha fechar os livros e mandá-lo para a cama.

Eis pois, a preparação que haveria de conduzir David para o altar do Sacrifício. Quando chegou o momento de entrar para a Igreja de seus pais, um velho cristão foi designado para o instruir para o serviço. Em resposta, mais tarde, à pergunta que fez oferecendo os seus serviços para África, ele ouviu dum velho missionário: «Um homem em plena juventude e de saúde vigorosa, tendo à sua frente os seus melhores anos, poderá fazer muito pela causa do Evangelho em África, se ele aceita, de não se instalar numa estação antiga, mas tente penetrar mais longe, no norte onde ainda nenhum missionário chegou; lá, à clara luminosidade da manhã, po-

demos contar ainda ao longe, o fumo de mais de mil aldeias desconhecidas».

E qual é a situação, hoje, volvidos 100 anos?

Há necessidade de moços. Deus os chama aos campos missionários.» MJ 224. «O Senhor chama voluntários que tomem firme posição ao seu lado, comprometendo-se a ligar-se a Jesus de Nazaré no realizar a obra que precisa ser efectuada agora, mesmo agora.» C. P. 446.

Onde estão os médicos missionários para curar as doenças, onde os enfermeiros seus auxiliares; os professores; os evangelistas, os colportores, os artifices? Quantos jovens que me lêem neste momento podem escrever os seus nomes à frente de qualquer destas profissões? Quantos estão tirando cursos ou adquirindo treino em profissões que nada podem beneficiar a obra de Deus? É possível que algum jovem pense que «ninguém se importa comigo... e que eu também me não importo com ninguém» Será essa a tua situação? Será que realmente a tua igreja e os teus pais não se importaram contigo? Ou será que antes, os teus planos não são os planos de Deus e por ti mesmo te afastaste?

Eu sei que alguns jovens têm sido afastados pela falta de tacto da Igreja, «Então alguém julga ser seu dever censurá-los, e tratá-los friamente, como se fossem muito piores do que na realidade são». C. P. 454.

Quando os jovens começam subindo na escola do mundo encontram ensinamentos que são somente doutrina humana, e desamparados, a pouco e pouco se afastam de Deus. Têm que aprender lições, responder sobre elas nos exames e, a pouco e pouco, a sua formação cristã vai sendo posta à prova. A situação é a mesma de José, quando tentado: — Posse eu fazer, tamanho mal, contra o meu Deus?

O primeiro passo, a ser dado a caminho do mundo, é permitir que os nossos filhos frequentem a escola no dia do Sábado.

Eu sei quantos sacrifícios, por vezes, é necessário para conseguir livrar os nossos alunos das aulas num dia de Sábado, mas todo o sacrifício vale. Quantos pais estão

dispostos a sacrificarem-se para obter qualquer objecto para a sua casa, talvez mesmo um carro, e não estão na mesma disposição quando se trata de sacrificar-se para que os filhos estejam livres da escola no Sábado.» «O valor do Sábado como meio educativo, está além de toda a apreciação.» Ed. 250.

«Na mente infantil, o próprio pensamento do Sábado deve estar ligado à beleza das coisas naturais. Ditoso é a família que pode ir ao lugar de culto, aos Sábados, como iam Jesus e Seus discípulos à Sinagoga.» Ed. 251.

Satanás continuará a combater para levar muitos jovens de acordo com as suas famílias a abandonar o dia de Sábado, trocando a Igreja pela escola. O resto já lhe será fácil, obter.

Outro ponto em que a nossa juventude está em perigo frequentando as escolas públicas, é o da companhia de jovens não convertidos.

Eis o segundo ponto, em que o inimigo vai incidir com os seus ataques».

(Continua no próximo número)

O 3.º CONCURSO BÍBLICO INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 12)

O concurso foi ganho por Graham Mitchell, de 29 anos, contabilista de Sydney (45 pontos num máximo de 50). O australiano conquistou uma medalha de ouro e foi aclamadíssimo, ao som do «God save de Queen».

Até aqui a citada revista.

Completando a notícia, apenas diremos:

«O vencedor do 3.º Concurso Bíblico Internacional é um jovem adventista MV monitor da Escola Sabatina. Recebeu a medalha de ouro das mãos do Chefe do Estado de Israel, Presidente Zalman Shazar.

O Irmão Mitchell, vencedor do Concurso, trabalha, actualmente, como contabilista numa fábrica adventista de alimentos, na Nova Zelândia.»

Quem sabe se para tal tempo como este... »

A. CASACA

O povo de Deus, que então se encontrava espalhado pelas dezenas de províncias da Pérsia, nos tempos do famoso rei Assuero, encontrava-se à beira da destruição.

O ódio satânico revelado através do grão-vizir Aman foi totalmente desfeito, servindo-se o Senhor da intervenção de Ester que, «tal como aquele» fora constituída rainha.

Naquele tempo, tratava-se da destruição do povo de Deus. E Deus suscitou, no devido momento, o meio eficaz para a salvação do seu povo.

Hoje, trata-se de apressar a Volta do Salvador. É necessário que a Mensagem do Advento seja levada a todos os confins da terra, pois só então «virá o fim».

Nestes nossos tempos de velocidades prodigiosas, podemos dizer que os meios, os processos da arte, da ciência e da técnica envelhecem de um dia para outro, devendo ser substituídos, com a mesma rapidez com que se desgastam.

Em todos os tempos o dinheiro ou equivalentes têm determinado a marcha da história, condicionando os seus acontecimentos, como seiva vitalizante.

Ninguém ignora, por isso, o aumento das necessidades financeiras e a consequente elevação do custo da vida.

Isto quer dizer que a Igreja não pode retardar o passo no domínio financeiro, pois se o fizesse, seria ultrapassada, falhando rotundamente no encargo que recebeu do Salvador de «ir por todo o mundo e pregar o Evangelho a toda a criatura».

Deste modo, tendo a consciência do momento actual, somos convidados, da parte de Deus, a participar na Campanha conhecida por «Plano 3%», plano este a que pela nossa profissão de fé e nossa crença temos de secundar, sob pena de atraçoarmos a esperança que Jesus deposita em nós.

Os nossos prezados Irmãos e Irmãs já estão devidamente inte-

rados acerca do significado do «Plano 3%».

Quanto à sua importância basta dizer que o podemos muito bem considerar como escolhido «quem sabe se para tal tempo como este».

O mundo caminha precipitadamente para o seu fim. O nosso Divino Salvador aguarda que a Sua mensagem seja levada rapidamente a todos os confins da Terra para voltar em glória e majestade.

Sabemos que Deus conta, absolutamente connosco para abreviar o tempo da Sua Vinda. Se a Igreja se tivesse compenetrado desta verdade, agindo como tal, já de há muito que o Salvador teria vindo buscar os seus.

Temos de manifestar a nossa fé, verdadeira fé, nas promessas de Jesus, contribuindo, generosamente, para a grande e imprescindível obra da divulgação da Mensagem, que se está efectuando mediante a abençoada Obra das Missões.

Temos de demonstrar, na prática e na eficiência do nosso contributo, que acreditamos na Vinda de Jesus, que O aguardamos, ansiosamente, contribuindo com tudo quanto pudermos, para abreviar essa Vinda.

Nem todos podemos partir para terras longínquas. Mas todos podemos contribuir com as nossas orações e com os nossos recursos, que o Senhor nos deu e que d'Ele são. É Ele que nos convida a sermos liberais, cordial e generosamente liberais não só aumentando as nossas ofertas voluntárias em 50%, como também pondo em prática o Plano 3%.

Não vale alegar que as dificuldades financeiras vão aumentando. Os filhos de Deus confiados nas promessas divinas sabem que tudo quanto ofertarem ao Senhor para avanço da Sua Obra, é investido nos tesouros do céu, onde frutifica, largamente, para a vida eterna.

Vivemos nos últimos tempos, nos quais temos de manifestar, de

maneira prática, a verdade da nossa fé. Por enquanto, ainda não nos é pedido o testemunho da própria vida. Trata-se de dar aquilo que pertence a Deus e que Ele generosamente nos concedeu.

Para estes nossos tempos, somos convidados por Deus, a aumentar em 50% as nossas ofertas voluntárias e a pôr em prática, para a Escola Sabatina, o Plano 3%.

Deste modo poderemos afirmar que somos filhos de Deus, que queremos cumprir a sua divina vontade, pois sabendo que o aumento das nossas ofertas se destinam aos campos missionários, trabalhamos, evidentemente, para apressar a Volta gloriosa do Salvador.

Prof. A. Nunes

Acompanhado de sua Esposa e de seus gentis Filhinhos, partiu para o seu campo de trabalho missionário, em Moçambique, o nosso prezado Irmão, Prof. A. Nunes. Esteve a passar as suas bem merecidas férias, regressando, agora, aos seus labores profissionais da Mensagem do Advento. Na gare marítima teve afectuosa despedida da parte de familiares e dos seus Irmãos na Fé que assim lhe quiseram demonstrar a sua amizade e consideração, retribuindo os cumprimentos que o simpático casal Nunes oportunamente apresentara.

Que Deus o proteja e aos seus, abençoando, igualmente, o seu trabalho missionário.

Evangelista João de Mendonça

Depois de bem merecidas férias passadas na sua terra natal, a ridente Madeira e, também, no Continente regressou ao seu campo de trabalho, em Cabo Verde, o nosso prezado Irmão, Evangelista João de Mendonça. Com ele vão os nossos votos das melhores bênçãos de Deus para um frutuoso apostolado.

«Olhando para Jesus»

(Continuação da pág. 6)

5. Abandonado pelos discípulos — *Mat. 26:56; Mar. 14:50.*

6. Humilhado diante do sumo sacerdote — *Mat. 26:57-62; Mar. 14:55-61; Luc. 22:54; João 18:13, 19-24.*

7. Blasfemo (1.º resultado do julgamento) — *Mat. 26:65; Mar. 14:64.*

8. Réu de morte: (2.º resultado do julgamento) — *Mat. 26:66; Mar. 14:64.*

9. Sucodem-se sofrimentos diversos:

- a) rosto vendado
- b) ferido no rosto
- c) cuspidado no rosto
- d) recebe punhadas
- e) esbofetado
- f) escarnecido

Mat. 26:67; Mar. 14:65; Luc. 22:54-62; João 18:15-18.

10. Negado por Pedro — *Mat. 26:69-75; Mar. 14:66-72; Luc. 22:54-62; João 18:15-18.*

Sexta-feira, até às três horas da tarde — Mat. 27:1.

11. Manietado — *Mat. 27:2; Mar. 15:1.*

12. Perante Pilatos — *Mat. 27:11; Mar. 15:1; Luc. 23:1; João 18:28, 29.*

13. Considerado malfeitor — *João 18:30.*

14. Acusado de:

- a) perverter a nação
 - b) proibir dar o tributo a César
 - c) dizer-Se ser o Cristo, o rei
 - d) alvoroçar todo o povo
- Luc. 23:2, 5, 14.*

15. Levado a Herodes — *Luc. 23:7.*

16. Desprezado, escarnecido e vestido resplendentemente por Herodes — *Luc. 23:11.*

17. Remetido outra vez a Pilatos — *Luc. 23:11 ú.p.*

18. É considerado pior do que Barrabás — *Mat. 27:21; Mar. 15:11; Luc. 23:18.*

19. Ouve o povo clamar: 'Crucifica-O, crucifica-O' 'Seja cruci-

ficado!' — *Mat. 27:22, 23; Mar. 15:13; Luc. 23:21; João 19:6.*

20. Açoitado por Pilatos — *Mat. 27:26; Mar. 15:15; Luc. 23:22; João 19:1.*

21. Seguem-se sofrimentos diversos para cada humilhação:

- a) despido e coberto com uma capa escarlate;
- b) coroadado com uma coroa de espinhos;
- c) deram-Lhe uma cana;
- d) escarnecido;
- e) cuspidado e espancado com a cana na cabeça;
- f) esbofetado — *Mat. 27:28-30; Mar. 15:17-20; João 19:2, 3.*

22. Carregou a Sua cruz pelas ruas de Jerusalém — *Mat. 27:32; Mar. 15:21; Luc. 23:26; João 19:17.*

23. Provou vinho com fel ou mirra — *Mat. 27:34; Mar. 15:23.*

24. Crucificado entre dois malfeitores — *Mat. 27:35; Mar. 15:24; Luc. 23:33; João 19:18.*

25. Outra vez blasfemado, zombado e escarnecido — *Mat. 27:39; Mar. 15:29; Luc. 23:35-37.*

26. Desamparado com o peso de todos os pecados! O 1.º brado — *Mat. 27:46; Mar. 15:34.*

27. Teve sede — *João 19:28.*

28. Deram-Lhe vinagre a beber — *Mat. 27:48; Mar. 15:36; Luc. 23:26; João 19:29.*

29. O 2.º brado: 'Está consumado!' Morto — *Mat. 27:50; Mar. 15:37; Luc. 23:46; João 19:30.*

30. Teve todo o lado lanceado — *João 19:34.*

Conclusão

1. *I Ped. 4:12-14; 2:19, 20; 3:14, 17.*

2. *Tiago 5:10, 11.*

3. *Heb. 10:32, 33; 11:36-38; 12:11.*

R. M.

(¹) Versão Cat. dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica).

Notícias do Campo

(Continuação da pág 7)

Portuguesa. Na tribuna, tomaram lugar, além do Pastor Casaca, os Irmãos, António Maurício, representante missionário; Pastor Lourinho, representante dos Obreiros Jubilados; Pastor Cordas, representante dos Obreiros em exercício; Ancião Laranjeira, representante dos leigos.

O Pastor Cordas, na qualidade de Obreiro local abriu as cerimónias lendo em II de Crónicas, no cap. VI a dedicação do Templo. Seguidamente, o Pastor Lourinho recordou as efemérides da igreja portalegrense, «verdadeiro alfofre de missionários do Advento». A primeira oração foi feita pelo Missionário Maurício.

Ocupou, então, a tribuna oratória o Director da União Portuguesa, Pastor A. Casaca, que após as saudações disse da sua grande

alegria por se encontrar com os seus concidadãos, naquele lugar, no santo Dia do Senhor. Comentando I Cor. 3:9-17 ilustrou a acção da Mensagem do Advento, servida pelas colunas vivas que sustentam o Templo do Senhor. Escutado, sempre, com a máxima atenção, formulou ardentes votos para que dentro em breve, todos os crentes se possam reunir, na Pátria eterna. Fez, depois a dedicação segundo as normas do formulário.

A oração da dedicação foi pronunciada pelo Pastor Cordas.

Findou a impressionante cerimónia com a oração do prezado Irmão e devotado Ancião Laranjeira.

A *Revista Adventista* congratula-se com os dilectos Irmãos e Irmãs portalegrenses com os votos de que o Senhor derrame copiosas graças sobre a Igreja de Portalegre.

«... Se Jesus não tivesse ressuscitado!?!...»

(Continuação da pág. 1)

convenceram-se de que as Escrituras se haviam cumprido.» (O Desejado de todas as Nações, pág. 579).

Bem sabiam que eram fundados os seus temores. Aquele mesmo Jesus que havia realmente, ressuscitado Lázaro, esse mesmo Jesus também ressuscitaria.

E ressuscitou, como havia predito, como já muitos séculos antes havia sido anunciado pelos profetas.

Ai de nós, se Jesus não tivesse ressuscitado!

Se Jesus não tivesse ressuscitado, «seria vã a nossa fé, e ainda permanecíamos nos nossos pecados. E também os que dormiram em Cristo, estavam perdidos. Se esperássemos em Cristo só nesta vida, seríamos os mais miseráveis de todos os homens.» (I Coríntios 15 16-19).

Já os velhos estoicos ensinavam e praticavam a renúncia, a resignação perante as dificuldades e contrariedades, mas tudo isto sem uma finalidade; era uma atitude meramente passiva, perante o inevitável. Contra tal atitude se rebela inclusivamente o animal, quanto mais o homem.

Mas o Cristianismo veio doutrinar o homem dizendo-lhe que para lá desta vida de injustiças, de dores e de calamidades existe uma outra que o Senhor nosso Deus nos dará, pelos merecimentos infinitos de Jesus. Por isso não somos miseráveis, porque esperamos uma outra vida.

E assim compreendemos o grito de alegria e de vitória de S. Paulo, quando imediatamente acrescenta: «Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem.» (I Cor. 15:20).

A ressurreição de Jesus é o penhor da nossa própria ressurreição. Satanás totalmente derrotado será, também, finalmente, vencido e destruído com todos os seus apaniguados, para que subsista, apenas, para todo o sempre, Jesus reinando com os salvos.

Na comemoração da ressurreição de Jesus renovemos o sincero propósito de trabalhar efetivamente para apressarmos a gloriosa Vinda do Salvador, para chamar do sepulcro os que tomam parte na primeira ressurreição.